

COMADRE FLORZINHA: RITOS E REPRESENTAÇÕES À ENTIDADE NA CULTURA DE SALGADINHO-PB 1980-1990.

Ivo Fernandes de Sousa*

RESUMO

O presente artigo visa analisar a presença mítica da *cumade Fulôzinha* na cultura de Salgadinho-Pb, bem como a relação estabelecida entre os moradores e esse personagem. Trabalharemos aqui com os relatos orais, coletados com diversos moradores da comunidade, de variadas idades que tiveram experiências, ou que ouviram falar da *Fulôzinha*, para reconstruirmos alguns aspectos da convivência entre esses dois mundos, o espiritual e o material, que aqui se tornam um só; tentaremos desvendar os aspectos do cotidiano da população local, traçar as práticas, as representações que os moradores fazem da *cumade*, apontando principalmente a singularidade e a diversidade nos relatos coletados para que possamos compreender a presença desse ser no imaginário da população local, bem como a importância da mesma para a formação da identidade cultural local.

Palavras-chaves: Comadre Florzinha. Cultura. práticas.

INTRODUÇÃO

A cultura de Salgadinho, como em todo o território nacional é marcada pelo hibridismo entre práticas provenientes das diversas culturas, que estiveram presentes na formação do Brasil como a cultura indígena, a afro, e a européia. Pois “quando desejamos compreender a cultura das classes percebemos que ela já está ligada à existência e à própria sobrevivência destas classes” (BOSI, 2008, p. 15), seguindo o pensamento percebermos nas caçadas uma forma de manifestação do divino intimamente ligado a existência desse grupo visto como um ato de rebeldia do povo já que “uma cultura tradicional que é, ao mesmo tempo, *rebelde*” (THOMPSON, 1998, p. 19), já que esses ritos escapam ao controle da Igreja oficial.

Analisando um aspecto da cultura popula nordestina, percebemos que essa é marcada pela religiosidade, sabemos que “Nas religiões muito rituais a presença do misticismo é comum, ou melhor, elas são religiões místicas” (MENDONÇA, 1984, p. 9), sendo assim temos aqui um hibridismo cultural presente no território de Salgadinho, pois, trataremos de uma entidade que não faz parte do catolicismo romano oficial, mas que recebe culto por parte dos caçadores.

* Autor: Ivo Fernandes, mestrando em História pela UFCG, e pesquisador pelo CNPQ, <http://lattes.cnpq.br/2067839557975139>. E-mail: Historivo@hotmail.com

Em Salgadinho temos presente como manifestações culturais, as quadrilhas nas festas juninas, as festas dos santos padroeiros das diversas comunidades locais com as procissões em diferentes épocas do ano, a missa do vaqueiro que se tornou um evento religioso principal na festa de aniversário de emancipação da cidade.

Espalhado, pelo município temos como representante da cultura popular alguns repentistas e cantadores de versos; as parteiras, e as rezadeiras algumas ainda em atividade hoje, contadores de histórias, temos vários cruzeiros que inclusive se tornaram pontos de peregrinação em algumas épocas do ano como o conhecido cruzeiro do Bonfim dedicado a Nossa Senhora Aparecida, temos as novenas rezadas tanto nas diversas igrejas locais, como nas residências de moradores e antigamente tínhamos uma tradição de coco de roda que foi desaparecendo lentamente com o pós-modernismo. Em se tratando de personagens do folclore local temos o Velho do saco, usado pelos adultos para assustarem crianças, o papa-figo e o doído.

As comunidades de Olho d'Água e Bonfim da Batalha são conhecidas por suas histórias de aparecimento de fantasmas e assombrações, antigamente tínhamos varias histórias de botijas; potes de ouro, dinheiro, ou jóias que eram enterrados pelos mais velhos e depois de sua morte a alma vinha mostrar a alguém o local para ser desenterrado, em algumas comunidades ainda é forte a tradição da malhação do Judas na semana santa, como em São José. Em se tratando de vida noturna tivemos o Hotel de dona Odete ponto conhecido antigamente como local de prostituição que teve grande movimentação durante o período de construção da linha férrea local.

As festas juninas são um capítulo a parte da vida cultural de Salgadinho-Pb, pois além das festas realizadas pela comunidade local essa festa tem um forte aspecto familiar, pois elas costumam se reunir em torno da fogueira e além de comerem milho e churrasco esses moradores costuma fazerem simpatias relacionadas em alguns aspectos da vida cotidiana familiar, como adivinhar se o próximo ano iria ser bom de chuva, as meninas costumavam querer saber com quem vão se casar, os mais velhos querem saber se vão estar vivos na próxima fogueira, em volta das fogueiras eles contam histórias, sendo esse um dos principais eventos da cultura popular salgadinense. Temos aqui uma síntese da vida cultural local.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida com base na metodologia da história oral, por meio do colhimento de depoimentos de pessoas que tiveram experiências com a comadre Florzinha por meio de entrevistas com questionários onde podemos perceber a influência dessa entidade no imaginário local.

DESENVOLVIMENTO

A comadre Florzinha é um dos principais personagens da cultura salgadinhense, sendo que a sua presença não está restrita aos relatos dos caçadores, vários são os moradores locais que tiveram experiências com ela, sendo assim temos aqui uma particularidade local, pois a presença da comadre Florzinha não estará restrita as matas, mas ela está também próxima às residências. Ela entra na categoria das entidades, deixando de ser um personagem do folclore, pois a mesma recebe oferendas e tem presença marcada no culto da Jurema, pertencente à linha dos caboclos, essa linha de entidades é caracterizada por ser “de origem indígena, vivem nas matas e são consideradas entidades curandeiras e por isso “almas elevadas”.

Na maioria dos casos são crianças ‘travessas’ diferenciadas pelo sexo, que comem frutas, mel e adoram balas e brinquedos” (ROSA, sd, p. 4), de acordo com Luiz da Câmara:

Caboquinha ágil, de grande cabeleira derramada nas costas, servindo-lhe de chicote e tentáculos, olhos escuros, lampejantes, é zombeteira, malvada, ocasionalmente prestimosa [...], transforma-se em animais até seu porte, em moça nova e também menino magro. Desaparece sem deixar rastro. Diverte-se em emaranhando a crina e cauda dos cavalos, cabelos de menino vagante nos matos, surrando os cães, as crianças fujonas, perseguindo-as e levando-as para longe. Oculta no matagal, desorienta caçadores e viajantes com insistentes e longos assobios assombradores. Evidentemente protege a caça contra os matadores desapiadados. (CASCUDO, 2000, p. 240).

Já a pesquisadora Patrícia Assad na sua tese, *Comadre Fulôzinha e o Pai do Mangue: sua influencia na formação da identidade, território e territorialidade na comunidade de Porto do Capim*, nos trás a descrição que ela;

Anda nua com os cabelos bem longos feitos de urtiga caindo para a frente do corpo. Ela anda agachada, com os braços entrançados por detrás das pernas. Tem um assovio bem fino que quando se escuta por perto, é porque ela está longe e vice versa. Odeia ser chamada de caipora e gosta de ser agradada com papa e fumo (ASSAD, 2014, p. 40).

O historiador Thomas Bruno, na introdução do cordel, *Comadre Florzinha: O romance da Serra das Flechas*, nos dá uma idéia de como é essa entidade quando diz:

A comadre Florzinha é uma duende da mata, de longos cabelos ruivos e desalinhados, algumas vezes malvada, outras prestimosa, e é conhecida em todo território paraibano, abrangendo regiões do Potiguar e zonas canavieiras de Pernambuco até Alagoas (OLIVEIRA, 2017, p. 38).

O interessante que notamos é que mesmo em se tratando de pessoas variadas, em locais diferentes, nas múltiplas experiências que tiveram, os relatos têm a mesma descrição:

Comadre Florzinha é a primeira entidade a ser reverenciada na *obrigação* dedicada as/os caboclas/os, cerimônia restrita ao povo-de-santo na nação Xambá e também presente nas demais casas de Jurema das filhas deste terreiro. Acontece no mês de janeiro, sendo a primeira realizada no ano com o objetivo de ‘abrir os caminhos’ do ano novo. Esta figura feminina representa a poderosa “dona da mata” e por isso tem de ser reverenciada para que ao realizarem as *obrigações* (também sinônimo de oferendas) na mata as pessoas não se percam. (LÜHNING *apud* ASSAD, 2004, p. 9).

Além de sua caracterização feita à cima pelo fato da comadre ser uma entidade presente no culto da jurema onde cada entidade tem o seu ponto, canto direcionado a uma delas o canto da Comadre Florzinha, “Oi siu, siu, siu, siu, *a Comadre Florzinha chegou*. Oi, siu, siu, siu, siu, *a ciência da mata chegou...*” (CACCIATORE *Apud* ASSAD, 2004, p. 9), percebemos aqui além da presença de seus assovios que é um dos aspectos que caracteriza a comadre Florzinha, temos a relação entre poder e saber no trecho final que aborda a questão do saber que vem da mata.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas práticas das oferendas, adotadas a serem realizadas a ela há a presença do mingau por se tratar de uma entidade infantil e também o fumo que são deixados principalmente pelos caçadores em um tronco de árvore na entrada da mata antes do início da caçada, percebemos aqui que o território da mata pertence segundo a mentalidade local a essa entidade, isso é demonstrado na necessidade de agradá-la antes de entrar em seu território, sob sua proteção estão os animais e cabe a ela decidir se o caçador irá bem ou não na caçada, por isso é de fundamental importância procuramos relatos sobre o contato entre as pessoas da comunidade local e a comadre Florzinha.

1.1 Ritos, rezas e oferendas para Flor.

O interessante ao estudarmos essa figura na cultura local e notarmos como se dá a relação entre os integrantes da população local e ela, em se tratando da conjuntura de Salgadinho iremos identificar no cotidiano local dois tipos de práticas com relação à comadre Florzinha, a prática de oferendas e a prática das rezas.

1.1.1 Práticas das oferendas

Segundo Jean Delumeau no livro *História do Medo no Ocidente* “os antigos viam no medo um poder mais forte do que os homens, cuja às graças contudo podiam ser ganhas por meio de oferendas apropriadas, desviando então para o inimigo sua ação aterrorizante” (DELUMEAU, 1989, p. 21); sendo assim as oferendas que foram realizadas à Comadre Florzinha consistem em um importante aspectos dessa relação entre o plano material e o espiritual para ser analisado, pois, de acordo com o pensamento da crença popular “se uma alma zangada podia prejudicar, uma alma satisfeita podia ajudar” (REIS, 1991, p. 265).

As oferendas realizadas a comadre Florzinha eram feitas em locais diferentes do município, mas seguirão o mesmo padrão, pois, vai consistir em fumo ou cachaça que era deixado em um tronco de árvore pelo caçador ou pessoa que quisesse ter um contato com a protetora das matas, sobre esse tipo de oferenda temos o relato que o senhor Francisco de Assis, caçador experiente desde os 13 anos de idade, hoje com 44, ainda em atividade, segundo ele antes de entrar na mata a pessoa tem que “fazer um cigarro (risos), *butar* num *toco*, tem que fazer *butar* e também deixar o *fosco* também”; já a senhora Esmeraldina também nos diz que em se tratando de oferenda a comadre Florzinha caso alguém queira ter contato com ela “é só *butar* um fumo toda sexta feira, *butar* um fumo num canto e um *mingauzim* de trigo sem sal e sem açúcar ai você tem contato com ela”.

Já o caçador Jaelson Mota também adotou a mesma prática quando perguntado se ele fazia alguma oferenda antes de entrar na mata ele diz que “levava fumo, cigarro; a lenda dos mais velhos”. Já o caçador do Bonfim nos dar um relato bem mais completo sobre essa prática desenvolvida pelos moradores de fazer oferendas na mata quando ele nos diz que:

às vezes pegava uma *meiota* de cachaça e despejava num oco de pau quando você passasse num pau com oco *né*, por exemplo um *meiota* de cana você despejava lá, as vezes não levava cachaça levava fumo ou cigarro, ai pegava e acendia um cigarro dava três *fumaçada* para um lado, três para outro, três pra cima *butava* o cigarro com a brasa

pra dentro da boca assoprava pra fora três, ai pegava aquele cigarro colocava em cima do toco e ia *simbora*

Já o caçador Daniel Araújo em suas caçadas adotou uma forma diferente de proteção, pois além das conhecidas oferendas a Fulozinha ele nos contou que costumava realizar um ritual para a proteção dos cachorros ele nos diz que:

A oração que agente fazia era benzer os cachorros passava três vezes por cima dele em cruz era só tirar a coleira e soltar, é porque as vezes tem gente que tem mau vontade, agente chama a quisilização ai a pessoa vai e faz

Como no contexto de Salgadinho a comadre Florzinha, vai ser percebida como uma protetora do território da mata as práticas dessas oferendas será feita sempre com a motivação de não ter a sua caçada atrapalhada por ela, e assim como no culto da jurema como uma forma de abrir esse local para a presença do caçador que naquele momento se torna um corpo estranho em território desconhecido.

1.1.2 Prática de rezas

Essa prática foi menos freqüente, mas não deixou de estar presente nos relatos que conseguimos resgatar, as rezas são falas de uma pessoa sem poder nenhum além da fala endereçada a uma entidade que tem um poder maior com o objetivo de conseguir algo em se tratando desse tipo de prática temos o relato da senhora Esmeraldina de Sousa que diz que ao sair de casa em um dia nublado para lavar roupas rezou a comadre Florzinha dizendo:

Fulôzinha alimpe o tempo não deixa chover não porque eu vou te dar fumo se *alimpar* o tempo anda com são Lourenço, *alimpa, alimpa* o tempo para não chover para esses pano secar pra eu não sair com essa trouxa de pano pesada que eu te dou fumo, ai eu *butava* pra ela.

O interessante nessa reza feita pela senhora Esmeraldina é a presença exatamente da comadre Florzinha uma entidade da jurema associada a São Lourenço um santo da Igreja Católica temos aqui nesse relato um exemplo claro de hibridismo cultural presente em Salgadinho que demonstra como é a religiosidade popular.

1.1.3 A comadre Florzinha nas memórias dos salgadinenses

De acordo com os relatos coletados durante a nossa pesquisa de campo podemos perceber que quase não há variação entre os entrevistados quanto se trata da comadre Florzinha, Esmeraldina Nóbrega nos diz que ela;

É uma menininha, é uma menininha. Não era (a pele) da cor de jabuticaba, assim os *zoim* era da cor de jabuticaba chega era vidrado. Ela gosta de fazer trança no rabo dos *animal* e quando ela gosta da gente eu tinha o cabelo *mei* grande ai amanhecia cacheado *chei* de trança o meu cabelo, meu pai não queria cortar só chamava eu *Fulôzinha* do mato.

O interessante neste relato que mesmo não conhecendo nada sobre o culto da Jurema, é exatamente da mesma forma que a comadre Florzinha é representado nela como uma cabocla é no relato percebemos a ênfase a cor da pele da mesma como sendo cor de jabuticaba. A senhora Adriana nos conta que “Disse que *é* duas meninas é são gêmeas *né*”, já o caçador Francisco de Assis, nos relata que “Dona Julia disse que no tempo dela mesmo ela disse que chegou a ver, os mais *velho* diz *né* dona Julia mesmo disse que viu elas *é* duas meninhas também disse que os cabelos meu *fi* é todo encaracolado.

Percebemos aqui nos relatos não só a homogeneidade em se tratando de definição física da entidade em estudo como também a necessidade de materializar o corpo da comadre Florzinha demonstrando com isso a linha tênue que separa o mundo espiritual do material, característica bem presente na cultura popular. Mesmo se tratando de experiências individuais, que se deram em locais e em temporalidade diferentes temos uma figura única para a imagem dela.

1.1.4 Protetora das matas: práticas da assombração experiências com a flor.

Pra caçar na sua mata
Só com permissão se tinha
Ou entrava na chibata
Era assim com a *Fulozinha*
Nessa surra de arder
Ninguém conseguia ver
As lapadas de onde vinha
(BRITO, 2017, p.32).

No trecho destacado percebemos uma das características da entidade, que é a de defesa da mata, mas se tratando de experiências com a entidade na comunidade local os relatos são variados, inúmeros são os moradores que tiveram uma experiência com a comadre Florzinha, que vai desde ouvir os seus assovios na mata durante a caçada, ou até mesmo aparições dela como podemos perceber por meio do relato mais marcante de nossa pesquisa, que veio da senhora Esmeraldina;

eu ia lavar roupa, ai quando eu cheguei naquela terra de seu Miro, ali por ali tinha uma *barraginha*, tu te lembra? Que era cheia de moça *pobe*, ai tinha duas meninhas deste *tamanhim*, (gesticulando com o

braço o tamanho), na estrada pegada uma na mãozinha uma da outra. Ai eu disse, mas essas *menina sozinha* perdida sem pai, e sem mãe. Minha *fia* onde você mora? Elas apontaram assim pra dentro das moças *pobe*, ai eu disse me dê a mão que eu vou levar vocês em casa, quando eu peguei a mão delas, era gelada ai desapareceu, era o *cabelim* delas batia quase assim, (levando as mãos as pernas), na curva das pernas.

Como a mata é conhecido como um lugar de domínio da comadre foi bem presente em nossa pesquisa os relatos de caçadores que ouviram os assovios dela ao entrarem no seu território como é pratica dela defender os animais de acordo com a mentalidade local ela faz uso desse meio para assombrar os caçadores e confundir os cachorros, como podemos perceber pelo relato de Francisco Santos “*Assubiava* demais, ela *assubiou* muito, muito mesmo e na noite que ela *assubiava*, não pegava nada”, e também o relato da senhora Esmeraldina que afirma que, “Assim como o povo diz que o *assubei* dela, que diz que é ela eu já escutei”, além dos assovios era comum também ela bater nos cachorros, já que no contexto em estudo mesmo em se tratando de um animal ele estava pondo em risco a vida dos outros animais.

O assovio da comadre Florzinha era algo temido na mata, pois, caso o caçador ouvisse seria um dia de caça frustrada, como podemos perceber pelo relato do caçador Francisco citado á cima quando ele enfatiza que quando ela assoviava ninguém pegava nada, ou mesmo acontecia coisas estranhas como podemos perceber pelo relato do caçador Jaelson Mota que no relatou que ao ouvir os assovios saiu de um setor da mata para outro mais que acabou sofrendo um acidente durante essa caçada ao cair dentro de um riacho. Daniel Araújo nos conta que em um dia em uma de suas caçadas “Não nos não pegamos nada ai voltamos para casa, voltamos para casa foi até nessa grota ai (apontando com a mão), eu disse que assubei fino é esse, o povo dizia eu pensava que era mentira, mas foi verdade, só que o *caba* não ver não”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O imaginário popular é repleto de criaturas das mais variadas formas, aqui nos debruçamos sobre a conhecida comadre Florzinha tentando reconstruir por meio dos relatos a imagem dessa entidade que é uma das principais assombrações da cultura popular salgadinhense demonstrando um dos aspectos mais forte da cultura local que é a religiosidade, o homem do campo conhecido por sua fé vai buscar nas matas uma forma de complementação

a alimentação da família, por meio de suas oferendas ele pede a permissão para entrar na mata, por meio de suas rezas ele busca o contato com o sobrenatural representado aqui pela comadre Florzinha, demonstrando assim um dos aspectos principais da cultura popular que é a religiosidade.

BIBLIOGRAFIA:

ASSAD, Patrícia. **Comadre Fulozinha e Pai do Mangue: sua influência na formação da identidade, território e territorialidade na comunidade do Porto do Capim.** João Pessoa. 2014, Monografia (graduação). UFPB.

BOSI, Ecléa: **Cultura de Massa e Cultura Popular: Leituras de operários.** 12. Ed. Petrópolis, Vozes, 2008.

_____ **Memória e Sociedade: Lembrança de velhos;** 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRITO, Vanderley de: **Comadre Florzinha: O romance da Serra das Flechas;** 3 ed. Campina Grande: CampGraf, 20017.

CASCUDO, Luís da Câmara: **Dicionário do folclore brasileiro;** 8. Ed. São Paulo: Global, 2000.

CERTEAU, Michel de: **A Invenção do Cotidiano 1 Artes de fazer;** 22 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger: **A História Cultural Entre Práticas e Representações;** Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990

HALBWACHS, Maurice: **A Memória Coletiva;** tradução de Beatriz Sidou; São Paulo: Centauro, 2003.

LE GOFF, Jacques: **História e Memória;** tradução de Bernardo Leitão... [et al.]. 5 ed, Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003.

MENDONÇA, Antônio G. *et al.* **Religiosidade Popular e Misticismo no Brasil.** São Paulo: Ed, Paulinas, 1984.

REIS, João José: **A Morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX;** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ROSA, Laila Andresa C. **As Juremeiras da Nação Xambá: religião, música e poder;** Bahia: UFBA.

SANTOS, Juaci Oliveira dos: **A Seca de 1970 em Salgadinho - PB: sociedade, saque e migração.** 2015. Monografia. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 20015.

SILVA, Josinaldo Gomes da: **Salgadinho- Paraíba, 50 Anos de Emancipação Política: memória e cotidiano;** Campina Grande: livro não publicado, 2012.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum;** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FONTES ORAIS

MAIA, José Possidônio do. **Comadre Florzinha: ritos e representações à entidade na cultura de Salgadinho Pb 1980-1990.** Paraíba, 02 de Nov. 2018. (Entrevista Inédita).

NÓBREGA, Esmeraldina de Souza. **Comadre Florzinha: ritos e representações à entidade na cultura de Salgadinho Pb 1980-1990.** Paraíba, 20 de Jan. 2018. (Entrevista Inédita).

NOBERTO, Jaelson Mota. **Comadre Florzinha: ritos e representações à entidade na cultura de Salgadinho Pb 1980-1990.** Paraíba, 14 de Jan. 2018. (Entrevista Inédita).

SANTOS, Adriana Maria da Silva. **Comadre Florzinha: ritos e representações à entidade na cultura de Salgadinho Pb 1980-1990.** Paraíba, 03 de Fev. 2018. (Entrevista Inédita).

SANTOS, Francisco de Assis dos. **Comadre Florzinha: ritos e representações à entidade na cultura de Salgadinho Pb 1980-1990.** Paraíba, 03 de Fev. 2018. (Entrevista Inédita).

SEVERIANO, Daniel Araújo. **Comadre Florzinha: ritos e representações à entidade na cultura de Salgadinho Pb 1980-1990.** Paraíba, 01 de nov. 2018. (Entrevista Inédita).